

A CRISE POR UMA ÚNICA REGRA

THE CRISIS WITH A SINGLE RULE

Aline Veiga Paim ¹

Alceu Vanzing ²

Resumo

O presente estudo objetiva verificar e analisar o conceito de crise explicado pelo método neodidático desenvolvido pelo professor Francisco Dequi, que justifica a sua ocorrência com uma única regra. Esse método será explanado após conceituações da gramática tradicional, para que seja possível observar que a Neopedagogia da Gramática, ao invés de apresentar conceitos a serem decorados, permite que a crise seja compreendida.

Palavras-chave: Crise. Gramática tradicional. Neopedagogia da Gramática. Regra única.

Abstract

The referred study aims to verify and analyze the concept of crisis explained by the neodidactic method developed by Professor Francisco Dequi, which justifies its occurrence with a single rule. This methods will be explained after traditional grammar concepts, to be possible to observe that the Grammar Neopedagogy, instead of presenting concepts to be memorized, allows us to understand the use of crisis.

Keywords: *Crisis. Traditional Grammar. Neopedagogy Grammar. Single rule.*

Introdução

Visando a mostrar um caminho efetivo para a aprendizagem da crise, este estudo analisará conceitos de duas correntes didáticas da Língua Portuguesa: a tradicional – gramática normativa, comumente conhecida e aplicada no ensino brasileiro e em provas de concursos e vestibulares – e a Neopedagogia da Gramática – método constatado há mais de 30 anos e bastante reconhecido, nacional e internacionalmente, na atualidade.

A crise é tema bastante estudado, mas, por apresentar regras de difícil memorização, raramente é compreendido, o que permite que estudos sejam realizados na busca pela objetividade de sua definição, como fez o estudioso da Língua Portuguesa professor Francisco Dequi.

¹ Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas – URCAMP/RS. Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional – Universidade Castelo Branco/RJ. Atualmente sem vínculo institucional. E-mail: <alinevpaim@gmail.com>.

² Licenciado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas literaturas pelo UNILASALLE, de Canoas/RS. Pós-graduado em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa pela UFRGS. Professor nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC –, de Canoas/RS. E-mail: <professor.alceu@gmail.com>.

Enquanto os tradicionais gramáticos apresentam muitas normas para que a crase seja justificada, Dequi, por meio da obra *Neopedagogia da Gramática – 18 teses surpreendentes* (2011), justifica-a por uma regra única.

Por isso, será feito um estudo das explicações de crase pela gramática normativa e pela *Neopedagogia da Gramática*, objetivando verificar e analisar as diferentes metodologias utilizadas no ensino de cada uma.

Para que se possa observar a clareza dessa neodidática, é necessário fazer, primeiramente, um estudo sobre a crase pela gramática normativa, representada, neste trabalho, por Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Bechara.

Dessa forma, analisar-se-á o enfoque tradicional e o neopedagógico, que pretende mostrar o aprendizado de forma coerente, pois explica a crase por meio de uma macronorma, visando à modernização do ensino da Língua Portuguesa e ao pleno entendimento da gramática.

1 A crase pela gramática normativa

Na educação tradicional, vê-se o quanto é comum a explicação da gramática da Língua Portuguesa por meio de regras. No ensino da crase, a metodologia não é diferente dos demais assuntos, pois os gramáticos expõem inúmeras regras para explicá-la corretamente.

Para explicar a crase descrita pelo ensino tradicional – Gramática Normativa –, utilizar-se-ão os conceitos de Domingos Paschoal Cegalla e Evanildo Cavalcante Bechara por serem reconhecidos gramáticos brasileiros e representantes dessa corrente teórica, começando por Cegalla.

Na *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, editada em 2010, Domingos Paschoal Cegalla diz que crase é a contração da preposição *a* com o artigo feminino *a* ou *as*, com o pronome demonstrativo *a* ou *as* e com o *a* inicial dos pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*.

Vejam-se os respectivos exemplos (CEGALLA, 2010, p.275): Fomos à cidade e assistimos às festas; Chamou as filhas e entregou a chave à mais velha; Refiro-me àquele fato. Poucos vão àquela ilha.

Sobre a primeira regra citada, o autor explica uma regra geral: “O acento indicador de crase só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo definido *a* ou *as* e subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.” (CEGALLA, 2010, p.276).

O gramático também aborda os casos em que não há crase – diante de palavras masculinas (exceto quando há palavra feminina em elipse antes da masculina), de substantivos femininos usados em sentido geral e indeterminado, de nomes de parentesco (precedidos de pronome possessivo), de nomes próprios que não admitem o artigo, da palavra *casa* (quando não acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva), nas locuções formadas com a repetição da mesma palavra, diante do substantivo *terra* (em oposição a *bordo*, a *mar*), diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (inclusive de tratamento, exceto *senhora* e *senhorita*) e interrogativos, antes de pronomes que rejeitam o artigo, diante de numerais cardinais referentes a substantivos que não são determinados pelo artigo e diante de verbos.

Cegalla fala, ainda, em casos especiais. Antes de pronomes possessivos e diante de nomes próprios personativos, a crase é opcional. Na língua formal, não se usa o artigo *a* quando se faz referência a mulheres célebres e, portanto, não se utiliza o acento grave, mas esse será de rigor quando o nome estiver acompanhado de um adjunto. Ocorre crase no *a* de *à distância de*, mas não ocorre se antes de *distância* houver palavra ou adjetivo que não admita o artigo, e é opcional quando se trata da locução adverbial *a distância*.

Na sequência, explica que, geralmente, acentua-se o *a* ou *as* de locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas formadas de substantivos femininos. Quanto às locuções adverbiais que indicam meio ou instrumento, diz que o acento grave é opcional.

Ainda mencionando Cegalla, o autor diz que locução constituída de *a* e substantivo plural não é acentuada com o sinal de crase e que a locução formada com substantivo masculino marcada por acento grave é descabida. Quanto à preposição *a* depois de *até*, diz que deve ser acentuada apenas em casos em que evite ambiguidade.

Outro representante da gramática tradicional, Evanildo Bechara, em sua Moderna Gramática Portuguesa (2009), diz que o acento grave indica crase quando

é construção da preposição *a* com artigo *a* ou *a* de *aquela(s)*, *aquela(s)* e *aquilo*, ou indica locução adverbial de substantivo feminino regido por preposição pura.

Quanto à crase, Bechara considera que haja casos a serem explicados para que se possa estudá-la, e, na sua obra já citada, detalha-os dizendo quando há ou não o emprego do acento grave.

Segundo Bechara (2009, p.308), ocorre crase da fusão da preposição *a* com o artigo *a* diante de substantivo feminino que exija esse artigo, sendo que, para verificar se há exigência, criam-se orações do substantivo com outras preposições, *de*, *em* e *por*, e, se houver necessidade de elas serem combinadas com *a*, será indispensável o uso do artigo.

Bechara menciona ainda que, com substantivos que repelem artigo, haverá crase se estiver seguido de adjetivo ou locução adjetiva e será facultativo o emprego do acento grave se, nesse caso, for facultativa a contração de preposição com artigo.

No que se refere aos pronomes demonstrativos *aquela(s)*, *aquela(s)* e *aquilo*, o gramático diz que o *a* inicial será acentuado quando fizer fusão com a preposição *a*, pois essa contração justificará a crase.

O autor também explica que ocorrerá crase diante de pronome possessivo que se refira a substantivo oculto e de locuções adverbiais que sejam constituídas de substantivo feminino plural.

Bechara (2009, p.309) releva que não ocorre crase diante: de palavras cujo sentido seja indefinido; dos pronomes relativos *quem*, *cuja* e *que* (quando o *a* que os antecede for preposição); de verbo no infinitivo; de expressões de tratamento e de pronome pessoal; da palavra *casa* que não esteja acompanhada de adjunto.

O gramático explana que a crase será facultativa antes de: pronome possessivo que anteceda substantivo feminino; nome próprio feminino; palavra *casa* seguida de qualificação.

Com essa verificação, nota-se que os dois renomados gramáticos, Cegalla e Bechara, oferecem ao estudante um estudo em que ele precise decorar regras para explicar a crase, o que, portanto, não é compreensão de um conteúdo, não é uma real aprendizagem.

2 A crase pela neopedagogia da gramática

Essas explicações são deixadas para trás pelo professor Francisco Dequi, que diz que “A tradicional crase pode ser explicada com apenas uma regra, pois resulta de um único fato sintático: fusão de ‘a’, introdutor de determinante, com um segundo ‘a’.” (2011, p.301).

O estudioso explica a crase com uma macronorma, um dos resultados de estudos elaborados pela Neopedagogia da Gramática, que pretende desenvolver um ensino objetivo, em que a compreensão dos fatos gramaticais substitua as regras a serem decoradas, pois esclarece que, com a regra única, o fato sintático da crase pode ser dominado com facilidade.

No livro Neopedagogia da Gramática – 18 teses surpreendentes (2011), o estudioso elucida a crase na tese 15, explicando, inicialmente, a combinação de preposição com palavra, dizendo que essas são compostas de preposição e de palavra iniciada por vogal. As preposições mais conhecidas que fazem combinação são *a*, *de*, *em*, *por* e, esporadicamente, *com*.

Dequi mostra exemplos dessas combinações, a começar pela preposição *a*, que, na Neopedagogia da Gramática, é transcrita da seguinte forma:

1 - Preposição A

Vejam como acontece a combinação da preposição A:

Juntos iremos a o parque.

Juntos iremos a os sítios.

Juntos iremos ao parque.

Juntos iremos aos sítios.

Portanto, na combinação, não há fusão, mas apenas justaposição. (DEQUI, 2011, p.306).

Nota-se que a preposição *a* apenas faz combinação com o artigo masculino, ao contrário do que ocorre no próximo exemplo, quando temos o artigo feminino. Dequi expõe:

Veja como acontece a contração (crase) - somente com a preposição A:

Juntos iremos a a fazenda.

Juntos iremos a as grutas.

Juntos iremos a aquelas casas.

Juntos iremos à fazenda.

Juntos iremos às grutas.

Juntos iremos àquelas casas.

OBS.: A contração que redundante em CRASE pode ser amplamente estudada adiante, através de CD animado, disponível no CES (DEQUI, 2011, p.306).

Percebe-se que com o artigo feminino, ou seja, com o segundo a (artigo), o primeiro se contrai, faz a fusão conhecida por crase, que deve ser marcada pelo acento grave.

A preposição *de* também faz combinações, como Dequi mostra na elucidação a seguir:

2 - Preposição DE

Veja-se quantas combinações podem-se fazer com a preposição DE:

Gostamos de	o parque.
Gostamos de	os parques.
Gostamos de	ele.
Gostamos de	eles.
Gostamos de	aquele parque.
Gostamos de	aquilo.
Gostamos de	este parque.
Gostamos de	isto.
Gostamos de	um cantor.
Gostamos de	uns cantores.
Gostamos de	+ as variações dos casos acima.

Gostamos do parque.
Gostamos dos parques.
Gostamos dele.
Gostamos deles.
Gostamos daquele parque.
Gostamos daquilo.
Gostamos deste parque.
Gostamos disto.
Gostamos dum cantor.
Gostamos duns cantores.
Gostamos de + as variações dos casos acima (DEQUI, 2011, p.306 e 307).

Vê-se que essa preposição faz combinações com artigos e pronomes, mas há outras combinações possíveis, quando se aglutinam com advérbios, como apresenta Dequi:

Podem também acontecer combinações com advérbios. Veja:

Marcos veio de	ali.
Marcos veio de	aí.
Marcos veio dali.	
Marcos veio daí.	(DEQUI, 2011, p.307).

A preposição *de*, assim como a preposição *a*, também combina com a palavra *onde*. Dequi exhibe na obra Neopedagogia da Gramática:

Ou, ainda, com onde:

De onde Marcos veio?

A onde Marcos foi?

Donde Marcos veio?

Aonde Marcos foi? (DEQUI, 2011, p.307).

Ainda segundo Dequi, a preposição *em* também faz combinação, mas com *in*, correspondente do latim, utilizando-se apenas o *n* da preposição. Observe:

3 - Preposição EM

Analise-se os casos de combinação com preposição EM. Convém antes alertar que esta combinação é feita com o correspondente “IN” latino de onde se extrai o “i” e se utiliza apenas o “N”.

Daí EM + O = NO

Acompanhem-se os exemplos da combinação da preposição EM:

Todos confiam no professor.

Todos confiam nos professores.

Todos confiam na professora.

Todos confiam nas professoras.

Todos confiam num amigo.

Todos confiam nele.

Todos confiam naquele professor.

Todos confiam naquela professora.

Todos confiam neste amigo.

Todos confiam nesse amigo.

Todos confiam nessas meninas.

Todos confiam em + as variações possíveis... (DEQUI, 2011, p.307 e 308).

Com base na citação de Dequi, nota-se que *em*, geralmente, combina com artigos e pronomes. Já a preposição *por*, assim como *em*, também faz combinação por meio do seu correspondente latino, que, neste caso, é *per*, que tem o *r* substituído por *l*, como se percebe em:

4 - Preposição POR

Vejam os quatro casos de combinação da preposição POR. Aqui convém lembrar que, na combinação da preposição POR, utiliza-se o “PER” latino, substituindo “R” por “L”.

Daí, passei POR O colégio = Passei PELO colégio.

Exemplos:

Passamos por o novo caminho.

Passamos por os novos caminhos.

Passamos por a nova estrada.

Passamos por as novas estradas.

Passamos pelo novo caminho.

**Passamos pelos novos caminhos.
Passamos pela nova estrada.
Passamos pelas novas estradas** (DEQUI, 2011, p.308).

Percebe-se que, ao dizer que há quatro casos de combinações com *por*, Dequi mostra que se trata de *por* e *o*, *por* e *os*, *por* e *a* e *por* e *as*, resultando, respectivamente, em *pelo*, *pelos*, *pela* e *pelas*.

A preposição *com* faz apenas cinco combinações, que são com os pronomes oblíquos *mim*, *ti*, *si*, *nos* e *vos*, que receberam *com* do latim. Dequi diz:

5 - Preposição COM

A preposição COM somente apresenta as CINCO combinações com os pronomes oblíquos *mim*, *ti*, *si*, *nos*, *vos*. Estes, já no latim, receberam um "COM" representado por "CO" ou "GO" (comigo, contigo, consigo, conosco, convosco), ficando esta preposição redundante e fossilizada. Veja o hipotético CUMECUM e a frase "Vade mecum" (Vai comigo).

Hoje temos apenas estas cinco formas:

Comigo, contigo, consigo, conosco, convosco (DEQUI, 2011, p.308).

Já a contração, crase, segundo Dequi, ocorre da fusão de dois *a* e é marcada pelo acento grave (´). O primeiro *a* da crase será sempre preposição, e o segundo será: o artigo *a(s)* – neodidaticamente chamado de adnome³, por ser um elemento que determina um nome –; o *a* inicial de *aquela(s)*, *aquele(s)* ou *aquilo*; o *a* inicial de *a qual* ou *as quais*; o pronome demonstrativo *a(s)*, que substitui *aquela(s)*. O primeiro *a* chama-se *a1* (a um), e o segundo, *a2* (a dois), conforme Fig. 1:

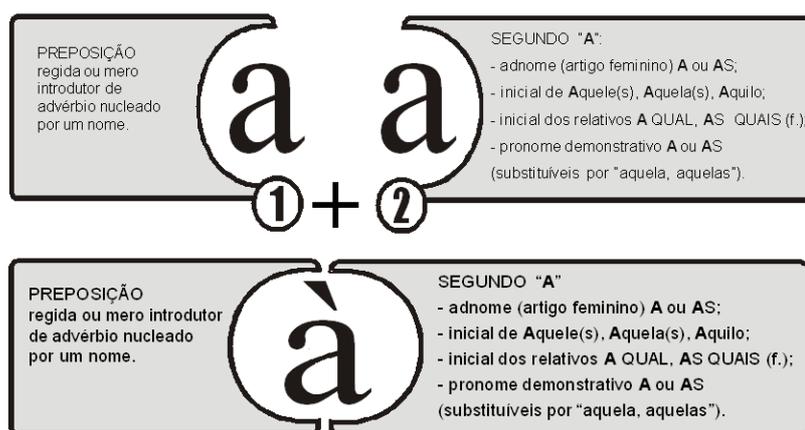


Figura 1 – Constituintes da crase.

Fonte: Dequi, 2011.

³ Adnome, pela Neopedagogia, é a palavra que determina um nome, sendo-lhe termo acessório. Difere do complemento nominal, que é regido e igualmente determina um nome, mas como termo integrante. São adnomes, principalmente, os artigos e os adjetivos e, em determinados casos, os pronomes, as combinações e os numerais.

Portanto, Dequi expõe que crase é a fusão de um primeiro *a* (preposição) com um segundo *a* (artigo ou pronome). É a contração dessas duas vogais idênticas. Quase sempre corresponde ao reverso da combinação masculina *ao* (*a* + *o*) que se tocam, mas não se fundem. Observe na Fig. 2:

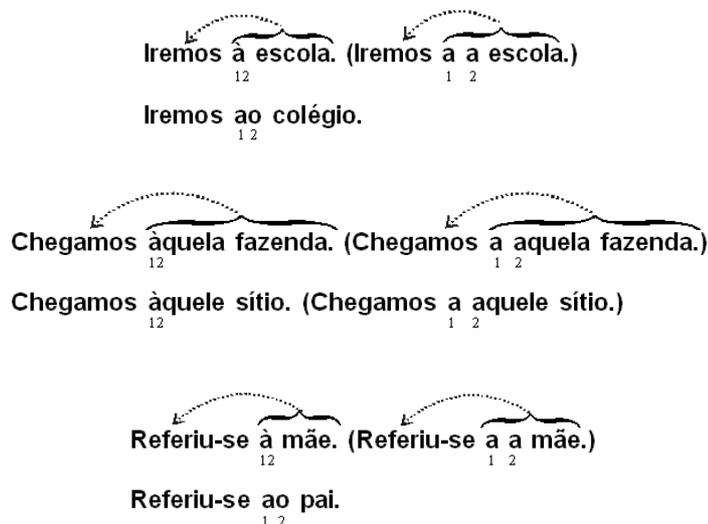
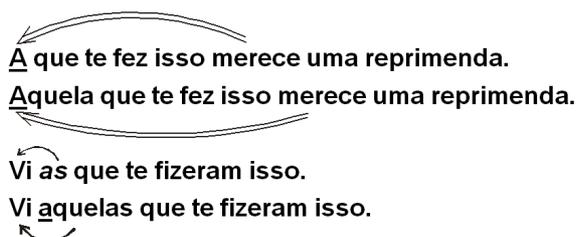


Figura 2 – Constituintes da crase.

Fonte: Dequi, 2011.

No exemplo a seguir, é possível observar as elucidações que mostram, e são justificadas por Dequi de maneira resumida, que *a* e *as*, comumente reconhecidos por artigo, podem assumir a função dos pronomes demonstrativos *aquela* e *aquelas*, respectivamente.

Bem, que há palavras incompletas, regentes de preposição *A* (*a*1) sabe-se; que os advérbios nucleados por nomes se introduzem por preposição *está* claro; que os nomes femininos, com sentido delimitado, determinado, concreto, são precedidos de adnomes definidores (*a*, *as*, no feminino) é óbvio; que os pronomes *A QUAL*, *AQUELE* ... têm “*a*” inicial é visto; que *A*, *AS* substituíveis por “*aquela*, *aquelas*” são pronomes demonstrativos, núcleos de uma função sintática, constata-se facilmente até pelos exemplos:



(DEQUI, 2011, p.311).

Nesse caso, *a* e *as* são pronomes demonstrativos. Então, se fossem determinantes precedidos da preposição *a*, seriam acentuados com o sinal grave, pois haveria contração de *a1* (preposição) e *a2* (artigo feminino, inicial de *aquela(s)*, *aquela(s)* ou *aquilo*, inicial de pronome relativo ou pronome demonstrativo).

Há duas estratégias para que a crase seja reconhecida, que são o paralelo com o masculino e o paralelo com outro regente. O primeiro paralelo mostra que, se o masculino provocar a combinação *ao*, o feminino provocará a contração *à*, como mostra a Fig. 3:

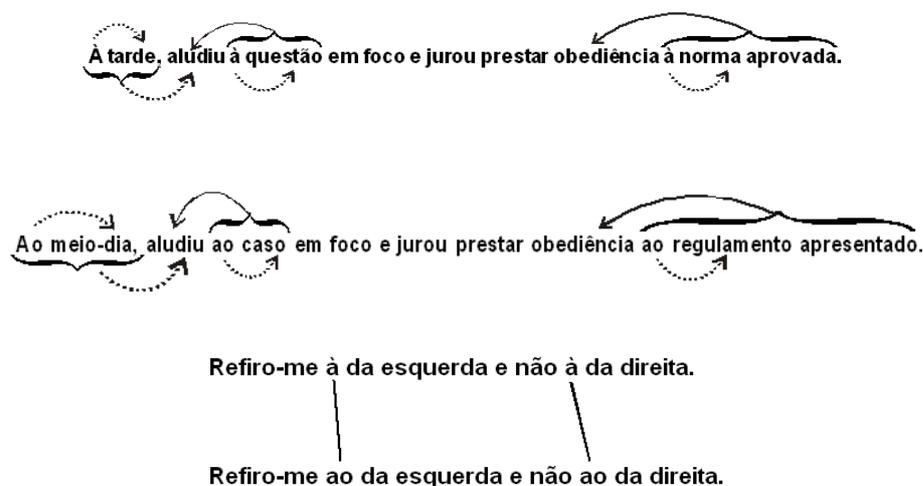


Figura 3 – Paralelo masculino.

Fonte: Dequi, 2011.

O segundo paralelo constata que, quando o determinante introduzido por a preposição for palavra ou grupo nominal que indicam lugar, utiliza-se *venho de* ou *estou em* para verificar a existência de crase. Se as preposições *de* e *em* contraírem o segundo *a*, a crase será confirmada. Dequi menciona:

Vou a Paris. – Venho DE Paris; Estarei EM Paris. (Não há crase).
 Retornamos à Europa. – Venho DA Europa; Estarei NA Europa. (Crase).
 Chegou a Brasília. – Venho DE Brasília; Estarei EM Brasília. (Não há crase).
 Sua ida a Madrid. – Venho DE Madrid; Estarei EM Madrid. (Não há crase).
 Sua ida à Espanha. – Venho DA Espanha; Estarei NA Espanha. (Crase).
 (DEQUI, 2011, p.315).

As setas, sintagramas⁴ (setas que mostram as funções sintáticas e as ligações entre termos) pela Neopedagogia, mostram a ligação entre determinados e

⁴ Sintagramas são setas que mostram as funções sintáticas e as ligações entre termos. São utilizados na Fórmula da Oração, desenvolvida pela Neopedagogia da Gramática, para mostrar ao estudante a verdadeira classificação sintática das palavras. A ponta principal do sintagrama indica o termo determinado, e a ponta cega, o determinante.

determinantes. O sintagma integrante⁵, seta contínua, nesse caso, indica que os verbos e os nomes precisam de complemento que seja introduzido pela preposição *a*, enquanto o sintagma acessório⁶, a seta pontilhada, diz que os nomes possuem um adnome definidor, um determinante. Assim, é possível perceber que o sintagma integrante gera crase se o verbo reger a preposição *a*, e, do contrário, jamais gerará. Observe a Fig. 4:

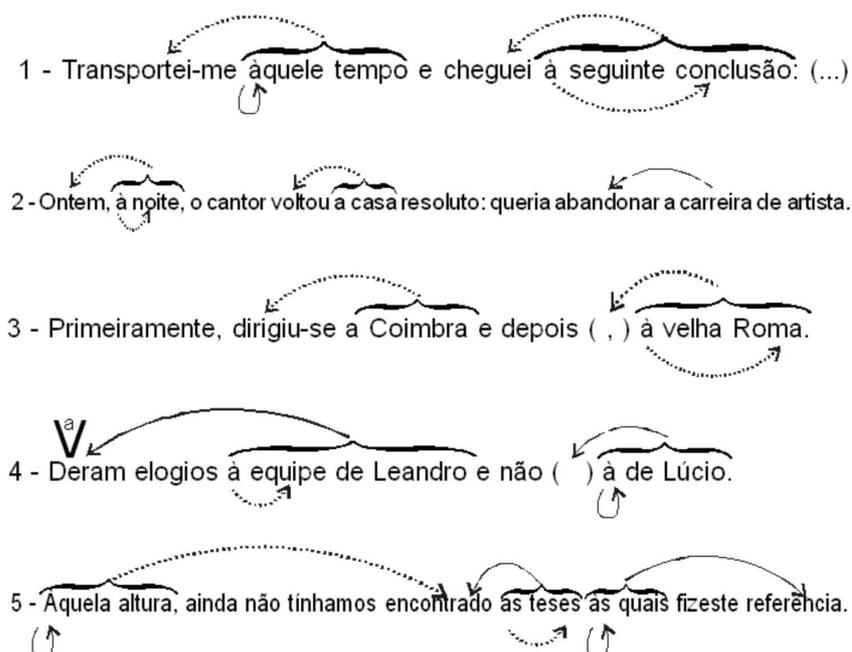


Figura 4 – Domínio das Fórmulas.

Fonte: Dequi, 2011.

O sintagma integrante mostra que ocorre crase nos casos em que o verbo rege a preposição *a* e o complemento verbal começa com o *a*2, conforme citado anteriormente.

No caso dos advérbios, Dequi explica que diante de algumas locuções adverbiais, pois não há contração de *a*1 e *a*2. Por isso não se configura a verdadeira crase. O que ocorre, nesse caso, é que algumas locuções precisam ser marcadas com acento grave para evitar ambiguidades, pois, sem o acento, o advérbio poderia ser confundido com sujeito ou objeto direto. Analise a Fig. 5:

⁵ Sintagma integrante serve para informar que o determinante é complemento da palavra apontada e que é termo regido e necessário para expressar a mensagem que se tem em mente. Daí o traço simples, mas compacto, forte (DEQUI, 2011, p.21).

⁶ Sintagma acessório informa que o determinante é adnome ou advérbio. Ambos são secundários, não regidos. Daí a seta acessória ser pontilhada e fraca (DEQUI, 2011, p.21).

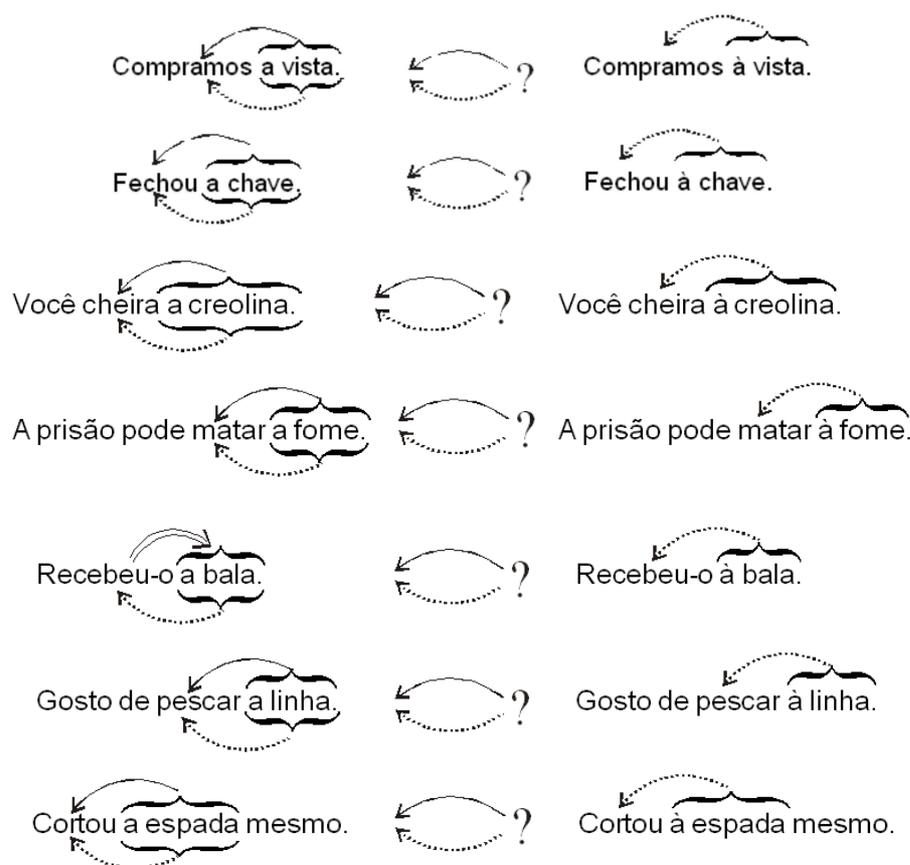


Figura 5 – Crase ou sinal de adverbiação???

Fonte: Dequi, 2011.

Na figura acima, tanto a coluna da direita como a da esquerda não apresentam o encontro de dois “as”. O acento grave é usado apenas para alertar que ali se tem um advérbio, sem qualquer referência. Dequi chama de sinal de adverbiação. Neste caso, não se tem a verdadeira crase. Então, ao comparar as frases da esquerda com as da direita, nota-se claramente o sentido distinto que os textos de uma coluna têm da outra: quando se diz *cortou a espada*, entende-se que alguém fez um corte na espada, mas, quando se diz *cortou à espada*, entende-se que alguém cortou algo com espada, que a utilizou para fazer um corte.

Dequi, em sua obra *Português Fono-orto-morfo* (2011), dá exemplos de verbos que regem a preposição *a*.

VERBOS REGENTES DE A1

Obedecer a	Perdoar a	Passou a
Chegar a	Opor-se a	Ir a
Aludir a	Agradecer a	Aspirar a
Referir-se a	Dirigir-se a	Submeter-se a

Suceder a	Ater-se a	Renunciar a
Habituar-se a	Responder a	Dedicar-se a
Preferir a	Acostumar-se a	(2011, p.263).

Se o complemento desses verbos for definido por um segundo *a*, a fusão com o primeiro resultará em crase, como menciona Dequi na sua macronorma, quando diz que crase é a fusão de *a1* e *a2*.

Ainda citando a obra de Dequi, o neogramático mostra exemplos de nomes e adnomes regentes da preposição *a*.

NOMES E ADNOMES REGENTES DE A1

acessível a	acesso a	adequado a
admissão a	afeito a	alheio a
alusão a	alusivo a	análogo a
apego a	apoio a	atento a
auxílio a	aversão a	avesso a
benéfico a	concessão a	contrário a
conveniente a	culto a	desatento a
desfavorável a	desleal a	desobediência a
direito a	estranho a	excursão a
favorável a	fiel a	fornecimento a
fronteiro a	funesto a	grato a
habitado a	honra a	horror a
hostil a	ida a	idêntico a
indiferente a	inerente a	infiel a
inflexível a	insensível a	insulto a
junto a	lisonja a	necessário a
nefasto a	nocivo a	obediente a
oblíquo a	ofensa a	oferta a
oneroso a	oposto a	paralelo a
passaio a	pernicioso a	prestes a
pretensão a	promoção a	propício a
proveitoso a	rebelde a	recurso a
regressão a	relativo a	renúncia a
réplica a	resistência a	reverente a
rumo a	semelhante a	sensível a
simpático a	submisso a	sujeição a
superior a	súplica a	surdo a
temível a	tocante a	ultraje a
unido a	útil a	venerável a
visível a		(DEQUI, 2011, p.264).

Assim como com os verbos, no caso de o complemento desses nomes e adnomes ser definido por um segundo *a*, a contração com o primeiro implicará em crase.

Portanto, com essas constatações, fica claro que a neodidática mostra um caminho fácil para a compreensão da crase, bem como para que se possa distingui-la, com clareza, da marca de adverbiação. Por meio da regra única, o estudante consegue empregar o acento grave com precisão e sabedoria.

3 A importância da crase na construção e na interpretação de textos

Conhecer e saber empregar as preposições é essencial para que se obtenha sucesso na construção e na interpretação de textos, pois, enquanto escritor, a boa redação definirá a mensagem que se quer passar e, enquanto leitor, ela será, ou não, perfeitamente compreendida. Nesse sentido, a crase, contração da preposição *a* com um segundo *a*, exerce papel fundamental.

Durante a construção de um texto, o autor que compreenda a crase saberá escrever com clareza e, conseqüentemente, será corretamente interpretado. O leitor desse texto, no caso de ser uma leitura de concurso, que também domine a crase, conseguirá um resultado positivo.

Essas observações levam a refletir sobre o sentido que o emprego do acento grave dá à redação, visto que, uma palavra feminina determinada por *a* terá o sentido de sujeito ou de objeto direto, enquanto que a determinada por *à* será complemento verbal indireto – objeto indireto –, complemento nominal ou advérbio. Tudo dependerá do contexto.

O acento grave é bastante confundido com crase. Há tantas regras para justificar a famosa contração que, comumente, não se explica o princípio dela, o acento. Por isso, muitos estudantes dizem existir um determinado *a* que deve ser “craseado”. E há os que não sabem que, na maioria das vezes, também não é crase a preposição marcada pelo sinal de adverbiação.

A Neopedagogia, ao longo de mais de 30 anos, vem mostrando a necessidade de que o ensino seja modernizado e, no que diz respeito à crase, mostra que é um fato gramatical simples, que se justifica em uma regra única. Não existe sentido, por parte dos professores e dos escritores, em seguir exibindo regras, nem, por parte do aluno, em insistir em decorá-las.

É importante que educadores e gramáticos reflitam sobre esse conteúdo do Português, que se preocupem com a formação oferecida por intermédio seu.

Para os estudantes, o conhecimento, que não é definitivo por meio do decorar, fará diferença positiva em sua vida estudantil e profissional, pois saber se expressar e entender com precisão as mensagens lidas é base para o sucesso.

Assim, Dequi mostra, com essa pesquisa sobre a crase, que o ensino da Língua Portuguesa deve ser estudado, criticado e discutido. A crase por regra única

– a existência de dois a – contribui para o ensino e o aprendizado, para a produção e a interpretação de textos e viabiliza a verdadeira compreensão sobre o tema.

4 A tese 15 e o seu reconhecimento

A tese 15, que vem agradando a muitos estudiosos do nosso idioma, é resultado de antigos estudos de Dequi. No ano de 1975, o estudioso lançara a primeira edição da Sintagmática, que contém, sob o título Crase demonstrada pelos sintagmas, a crase como tema claramente elucidado, em que conclui que “Ficou provado que há uma única regra para a crase provocada por questões sintáticas: RECONHECER A COEXISTÊNCIA DE DOIS ‘A’”. (DEQUI, 1975, p.207).

Em 1977, Dequi lançara a Sintagmática – identificação de determinantes e determinados. Nesse trabalho, ele explica os determinantes introduzidos por crase, dizendo, na introdução, que:

A CRASE, na Gramática Normativa, relaciona-se com a regência e com os adjuntos adverbiais; por isso, será tratada agora, após o estudo dos determinantes adverbiais e dos determinantes integrantes. É que a preposição “a” – elemento imprescindível na crase – ou é regida, ou é mero introdutor de adjunto adverbial. (DEQUI, 1977, p.213).

A crase pela Neopedagogia da Gramática é tratada, atualmente, em diversas obras de Dequi e no blog Português pela Neopedagogia, mantido pelo CES – Órgão de pesquisa da FATIPUC –, em que o professor, por meio de videoaulas, explica a tese 15 elucidando a sua macronorma. Essas aulas têm grande repercussão na internet, no famoso site de compartilhamento de vídeos YouTube, visto que há facilidade para que as explicações neodidáticas sejam compreendidas.

Além disso, modernos estudiosos da Língua Portuguesa vêm citando o autor neopedagógico em seus escritos, como Alceu Vanzing que, na apresentação do seu livro Confronto Gramatical – Bechara x Dequi, menciona Dequi ao dizer que “Entre as teses que defende, podemos destacar [...] a crase com regra única...” (VANZING, 2011, p.9). O gramático se faz presente, também, no site da revista Língua portuguesa, em um artigo sobre a Neopedagogia, intitulado Uma sábia não sabia onde estava o sabiá..., que mostra suas 18 teses.

Considerações finais

Ao verificar as explanações dos gramáticos Cegalla e Bechara, em comparação com a explicação de Dequi sobre a crase, nota-se a evolução que a neodidática representa para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa, pois, ao mesmo tempo em que a gramática normativa continua a enumerar regras para explicar o tema deste trabalho, a Neopedagogia da Gramática em sua tese 15 apresenta uma macronorma para a sua compreensão.

A objetividade da regra única, constatada por Francisco Dequi, representa um caminho coerente para a educação. Mostrando que a presença de dois *a* é o que justifica a crase, o estudioso demonstra a modernização necessária para o processo de aprendizagem efetiva do Português.

Nesse intuito, a neodidática mostra caminhos para facilitar a aprendizagem da crase, como o paralelo com o masculino e o paralelo com outro regente, sendo que o primeiro demonstra que haverá crase se, trocando a palavra feminina por uma masculina, houver a combinação *ao*, e o segundo, que haverá crase se ocorrer contração das preposições *de* e *em* com o segundo *a* ao utilizar *venho de* ou *estou em* para constatar a necessidade do acento grave, no caso de o determinante introduzido por a preposição ser palavra ou grupo nominal que indicam lugar.

Para mostrar a veracidade desse seu estudo, Dequi faz uso dos sintagras, que mostram com clareza cada fato gramatical. Os sintagras justificam a ligação entre determinantes e determinados, pois são setas que demonstram as funções sintáticas e a união entre termos. O sintagma integrante, presente nas figuras deste estudo, tem o papel de indicar que os verbos e os nomes necessitam de complemento que seja introduzido pela preposição *a*. A seta acessória mostra que os nomes possuem um determinante que é um advérbio. O sintagma integrante resulta em crase apenas se o verbo reger a preposição *a*.

O gramático gaúcho também esclarece que, no caso dos advérbios, o acento grave é empregado em algumas locuções adverbiais para combater ambiguidades, evitando, assim, que o advérbio seja confundido com sujeito ou objeto direto. Portanto, nesse caso, geralmente, não há crase porque não acontece a fusão de *a1* e *a2*, mas haverá sinal de adverbiação.

Assim, percebe-se que o estudo da crase pela Neopedagogia da Gramática é objetivo e eficaz, pois, por meio de uma regra lógica e simples, mostra claramente esse fato gramatical.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. revisada, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. 1ª reimpressão 2010.

DEQUI, Francisco. *Sintagramática*. Canoas: CES, 1975.

_____. *Sintagramática – identificação de determinantes e determinados*. Canoas: CES, 1977.

_____. *Sintagramática – identificação de determinantes e determinados*. 7. ed. Canoas: IPUC, 2008.

_____. *Português fono-orto-morfo*. 6. ed. Canoas: Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC, 2011.

_____. *Neopedagogia da Gramática – 18 teses surpreendentes*. 2. ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagramaticais - IPUC, 2011.

_____. *CRASE com REGRA ÚNICA – Vídeo explicativo e apresentação*. Disponível em <http://portuguespelaneopedagogia.blogspot.com.br/search/label/Crase>. Acesso em: 2 de abril de 2012.

_____. *Neopedagogia da Gramática – Tese 15 – Crase com regra única*. Disponível em <http://portuguespelaneopedagogia.blogspot.com.br/search/label/Crase>. Acesso em: 2 de abril de 2012.

_____. *Crise – Parte 02*. Disponível em <http://portuguespelaneopedagogia.blogspot.com.br/search/label/Crase>. Acesso em: 2 de abril de 2012.

_____. *Crise – Parte 01*. Disponível em <http://portuguespelaneopedagogia.blogspot.com.br/search/label/Crase>. Acesso em: 2 de abril de 2012.

Revista Língua portuguesa. *Uma sábia não sabia onde estava o sabiá...* Disponível em <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/27/artigo206959-1.asp>>. Acesso em: 2 de abril de 2012.

VANZING, Alceu. *Confronto Gramatical – Bechara x Dequi*. Canoas: Faculdade de tecnologia IPUC – FATIPUC, 2011.